

José Cardoso Pires em almoço com o EXPRESSO:

«Portugal é um país de Sanchos Panças»

QUEM matou o capitão Almeida Santos na praia do Guincho?

«Fomos todos nós. Foi o clima então reinante, foi a cobardia colectiva, foi o medo. Foi o fascismo, mas todos somos cúmplices. O próprio Almeida Santos já estava morto quando morreu. O meu livro pretende precisamente retratar esse clima.»

O livro é a *Balada da Praia dos Cães* — 5.ª edição, 27 000 exemplares, 750 contos de prémio da APE (ler páginas 38/39-R). As palavras são de José Cardoso Pires. O local é o Pabe. A época... é o dia nefasto em que o Benfica vai defrontar o Anderlecht.

Cardoso Pires irá ter um desgosto, mas não uma surpresa. Tinha-nos dito: «Aposto que o Benfica vai perder.» E observava: «Hoje vou jantar com militares. Espero que liguem a televisão.» Porque, afinal, ele prefere o futebol aos militares?...

«O que eu gosto é do Benfica. Mas já fui da Académica. E estive quase a mudar para o Amora... Sou benfiquista, mas um pouco vira-casacas.»

Molha a conversa com uisque, do qual passa por ser consumidor convicto. Também tem fama de bom garfo, e a perspectiva de um sável de escabeche seguido por cozido à portuguesa cria logo o consenso entre o chefe do Pabe, o escritor e os jornalistas. «Sou pelo consenso», ironiza. Mal sabe que o aguarda um interrogatório mais cerrado que os do polícia Covas; o cozido ficará quase intacto. Outro destino tem o tinto, alentejano, eleito por Cardoso Pires...

E o consenso sobre o seu romance? Não lhe desagradou, claro. E considera-se à vontade para elogiar outros dos candidatos ao prémio. «Lídia Jorge tinha um livro que eu acho muito bom, O Cais das Merendas. Outro romance com coisas muito boas, com cenas notáveis, mas desequilibrado, é o do José Saramago. Prefiro pecar por defeito a fazê-lo por excesso.»

Acredita na ficção portuguesa. «Sempre tivemos uma boa poesia, mas hoje temos também grandes romancistas, melhores do que os franceses, os espanhóis, os ingleses. Quem hoje tem melhor ficção são aliás os alemães da R.F.A., os Estados Unidos e, desde há algum tempo, os sul-americanos.» E alude a Lucialima, de Maria Velho da Costa, que está a ler pela segunda vez («coisa que nunca faço»).

Um país de «voyeurs»

Mas acredita em Portugal?
«Portugal é um país de Sanchos

Panças, que tem como símbolo popular o manguito. E eu penso que são precisos D. Quixotes...» Diz, com placidez, coisas tão duras como estas: «Somos um país de onanistas, orgulhosamente sós, um país de 'voyeurs'. Isso viu-se na política: cada um metia a mão e depois punha-se à distância. Esse tipo de pessoas prejudicou todos os que queriam fazer luta directa revolucionária.»

Um cepticismo em relação ao país?

«Eu olho, e não vejo onde é que se vai buscar de comer... Nós não temos dinheiro, e vamos buscá-lo através dos impostos; estamos numa autofagia total.»

E como vê Cardoso Pires a política, em Portugal?

«Não sou uma pessoa a quem a coisa política mobilize profundamente. Da política, o que me interessa, no meu sector, é aquilo que eu experimentei, é a censura. Sou um cidadão político, tomo atitudes políticas, mas não me sinto informado.»

Por que apoiou a APU nas últimas eleições?

«Porque já se sabia que a votação iria principalmente para o PS; assim, convinha dar uma larga margem a independentes e marxistas que não estão ligados ao PC. Penso que só aí pode haver uma certa zona de transição para a aproximação com o PS.»

Eanes: calmo e tolerante

Uma zona eanista? Não; Cardoso Pires esclarece que, além de não ter a actividade política como preocupação dominante, não é um dos aderentes do Movimento para o Aprofundamento da Democracia. E quanto a Ramalho Eanes?

«O que me atrai em Eanes é uma posição extremamente calma, fundamentalmente tolerante, nada exuberante (tem demonstrado uma sobriedade muito grande ao longo de tudo isto), a maneira muito hábil como se tem desenhado das rasteiras sucessivas e resistido a um certo desgaste. E, além disso, por ser um defensor de um tipo de democracia liberal dentro da Constituição. É um homem com muita dignidade.»

Cardoso Pires é então adepto de uma democracia liberal? Como a nossa?

«Com estes parâmetros, mas mais aprofundada.» Entende que as circunstâncias não permitem outro regime. «Vejo muito poucas condições para um socialismo popular, de base, com uma experiência teórica comparável à chinesa

(hoje sou contra ela, porque redundou na ditadura feroz que se sabe). E não vejo nenhum país pobre com social-democracia. Por isso temos de ir para uma democracia liberal, com nacionalizações se for caso disso.»

A esquerda portuguesa não sai incólume dos comentários de José Cardoso Pires. Diz-nos continuar sem perceber o «consenso» que entre nós se verificou em torno da guerra das Malvinas, apesar da brutalidade do regime argentino. «Depois, foi o que se viu...» A posição da URSS era a que se entendia melhor: precisava de fazer comércio.

«A conversa política é uma transferência do desejo de Poder, dá uma certa inserção ao indivíduo ainda que este não exerça esse poder.» Mas as transferências e os desejos também se manifestam no futebol, por exemplo.

Futebol: uma festa

«No futebol, o que me prende é mais o espectáculo do que a emoção.» Mas jogou? «Não, eu sou jogador de bancada, sou um recalcado do futebol e é por isso que gosto dele. E também pelo lado geométrico; é um jogo com muita geometria. E é um espectáculo, uma festa, é das coisas mais coloridas que há.»

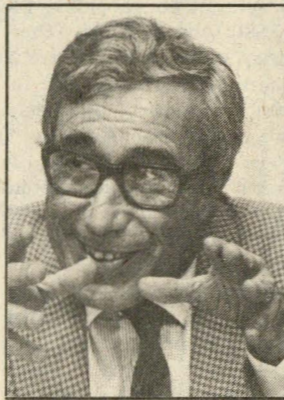
O bom conversador que é José Cardoso Pires esquece-se — e nós com ele — de que os almoços servem também para comer... Puxamos a conversa para o cinema, que é outro dos seus gostos, embora coloque em primeiro lugar (julgámos notar uma hesitação...) a literatura. Depois dos filmes, vêm as artes plásticas e o bailado. O cinema francês não parece entusiasma-lo, à excepção de Alain Resnais, e «um pouco» de Godard. «Não pode» com Truffaut. Da Alemanha e dos EUA vêm os filmes que mais o impressionaram: como «A Angústia do Guarda-Redes Diante do Penalty» e «Lightning Over the Water», de Wenders, e «As Portas do Céu» de Michael Cimino.

Uma certa crítica...

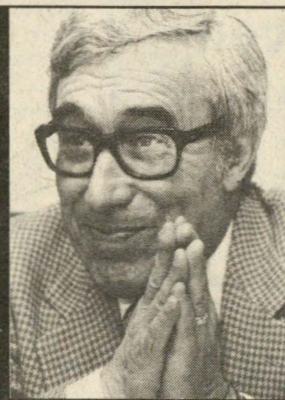
O jornalismo foi um dos seus ofícios e prazeres. Ainda colabora no «Die Zeit». Irá em breve aos Estados Unidos fazer uma reportagem sobre as comunidades portuguesas. «Gosto imenso de jornalismo» — e recorda em especial o «Almanaque» e «A Mosca». «Uma das coisas mais importantes depois do 25 de Abril foi a evolução do jornalismo. Temos alguns



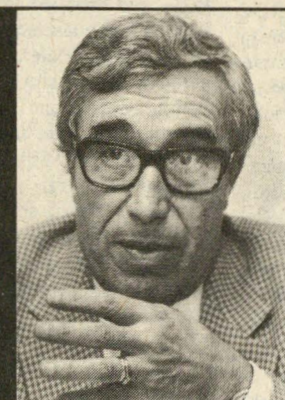
José Cardoso Pires no Pabe, com Francisco Belard, Augusto de Carvalho, Celestino Amaral, José António Saraiva e José Quitério



Não entendi o apoio da esquerda à Argentina na guerra das Malvinas



Temos melhores romancistas que os franceses, os espanhóis, os ingleses



Apoiei a APU porque sabia que o PS ia ganhar

bons jornais.» Destaca dois semanários e elogia o jornalismo que também hoje se faz na rádio. A imprensa tem contribuído para o maior impacto da nossa literatura, diz, mas refere-se com severidade à crítica. «O peso de uma certa crítica literária, aqui, foi tal que adquiriu uma dimensão extremamente provinciana. Subjacente a essa crítica estrutural esteve também um marxismo arrependido (ou não arrependido...), ou talvez travestido.» Não é o estruturalismo em si que o indispe, mas «a parafernália, a dimensão quase obscura, que foi um contributo para afastar o público». Em confronto, «lê-se uma crítica na 'Time', ou na 'Newsweek', e percebe-se que por trás daquela singeleza há um aparelho cultural que não é brincadeira... Aqui, é exactamente o contrário». E observa que o público do livro tem de ser visto como mercado; «o livro é um produto de consumo».

Literatura: um remorso

Desde que saiu do «Diário de Lisboa», em fins de 75, tornou-se

escritor profissional. Dá para viver?

«Vivo de ano a ano. Agora tenho até ao fim deste, depois vamos ver...» É contra a literatura oficial, a do Poder. «A literatura é, digamos, o remorso de uma sociedade. Ou o remorso do Poder numa sociedade.»

E eis-nos de volta ao seu romance. A primeira versão da *Balada da Praia dos Cães* foi escrita em 1964 ou 65. Cardoso Pires tivera acesso, através da Polícia Judiciária, a cópias dos autos e a fotografias — «em pleno fascismo, o que é espantoso». Foi o próprio Jean-Jacques Valente (o «Arquitecto» da história) quem lhe forneceu um resumo do que se passara. Queria antecipar-se a Joaquim Paço d'Arcos, que preparava a sua própria versão, e começou por tentar fazer uma reportagem sobre o caso. E poderia publicá-la nessa altura? «Bem, eu fui depois para Inglaterra, e estava relativamente protegido.» Mas receava que a publicação reacendesse o assunto de forma a agravar as penas.

«Resolvi então ir para o romance-reportagem, à Truman Capote ou à Norman Mailer, e comecei a ver aquilo em termos de ficção. Não me interessava o crime em si,

mas antes o clima, um país que se mitifica, um país que a esquerda inventava numa sociedade inquisitorial.» E nota que poderia escrever como no final de *O Salário do Medo*: «Este país não existe; eu estive lá...» «Fez-se tanta mistificação sobre o país, à esquerda e à direita...»

Um libelo acusatório?

«Balada»: uma defesa

«O grande criminoso é evidentemente o fascismo, e depois a esquerda toda. O livro é de certa maneira aquilo a que em advocacia se pode chamar uma defesa, porque penso que o crime é colectivo.»

«Não é uma obra policial» (género de que Cardoso Pires não gosta de resto — «sinto-me burlado» — embora abra excepção para Chandler), «nem uma reportagem. É mesmo ficção com personagens, a maior parte reais, mas criadas por mim e a quem coleei os medos e o ambiente dessa época. O «cabo» disse-me: 'O que mais me impressionou é que você acertou numa série de coisas inventadas-as'».

Filme em projecto?

Aproveita-se o tema para falarmos da anunciada adaptação ao cinema da *Balada da Praia dos Cães*. Cardoso Pires diz que três realizadores lhe fizeram propostas nesse sentido, mas mantêm-se reservado sobre os nomes. Admite, no entanto, que um deles seja José Fonseca e Costa, que anteriormente se interessara pelos romances *O Delfim* e *O Anjo Ancorado*. E confessa o seu apreço pelas obras de João César Monteiro («Silvestre», em especial) e António-Pedro Vasconcelos.

Refere-se a outros cineastas que tomaram obras suas: Luís Galvão Teles, que no filme «A Rapariga dos Fósforos» utilizou uma pequena história de um modo que José Cardoso Pires considera pouco feliz. E Eduardo Gueda que do «Ritual dos Pequenos Vampiros» fez «um filme limpo, decente» (remetido para o 2.º Canal onde está para ser exibido, porque «era muito chocante») e Lauro António

Quando pensei escrever a «Balada», resolvi ir para o romance à Truman Capote ou à Norman Mailer

com «Week End» na série «Histórias de Mulheres».

Ao teatro, é que não volta. Considera muito má a experiência com a adaptação teatral do «Corpo de Delito na Sala de Espelhos» e não a deseja repetir.

Cardoso Pires não quer nada com heróis positivos. «Cada escritor está sempre a exorcizar-se. Fernando Pessoa, com os heterónimos, fê-lo com uma parte de si mesmo. Penso que nunca tive personagens positivas, o que me preocupa é que saia uma ideia positiva da crítica que faço, da incomodidade que sinto por viver num país, numa circunstância. Temos uma ideia de nós próprios que não é tão positiva como isso, temos afinal uma consciência mais ou menos dramática dos nossos traumas, dos nossos desgostos, das nossas pequenas cobardias. E é por isso que é tão difícil aparecer o herói positivo.»

O próximo romance... não o começou ainda. Mas confidencia-nos que a acção se situará depois do 25 de Abril. E agora, José Cardoso Pires?

«Vou a um sítio onde nunca fui.»

E qual é?
«Os Açores.»